

## RADICAIS, CHIQUES E SANGUINÁRIOS: LITERATURA E JORNALISMO

Francisco de Moura Pinheiro<sup>1</sup>

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. *Rasgos literários na prosa jornalística – O Novo Jornalismo em Radical Chique e em A Sangue Frio*. Rio Branco: Edufac, 2018. 118 p.

O Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário, modalidade narrativa que consiste, basicamente, em unir no mesmo texto técnicas do jornalismo e da literatura, apareceu nos Estados Unidos em meados da década de 1960.

A ideia que deu início à nova maneira de contar uma história real surgiu a partir da percepção de que os textos jornalísticos de então haviam parado no tempo e não empolgavam muito mais os leitores, bem como tinham dificuldade para atrair novos públicos. Era necessário, entenderam alguns jornalistas da época, tornar o texto mais atrativo. E, para isso, nada melhor, na compreensão deles, do que aproximar (ou mesclar) a aridez da narrativa jornalística às possibilidades da narrativa literária. Sem perder a sua especificidade, o jornalismo poderia, dessa forma, atingir outros níveis de audiência e consciência, tendo com base, fundamentalmente, duas perspectivas: o aperfeiçoamento do seu conjunto expressivo e a elevação da sua capacidade de captação da realidade.

Logo um elenco de nomes do primeiro time do jornalismo norte-americano aderiu à nova forma de se contar uma história real. E assim, saltaram das páginas dos jornais e revistas norte-americanos para, literalmente, o estrelato, nomes como os de, entre outros, Truman Capote, Gay Talese, Norman Maller e Tom Wolfe. O caminho natural, dada a nova forma de narrar um fato jornalístico, era o de que as longas reportagens se transformassem em livro. Foi o que aconteceu, com os principais e pioneiros autores do novo gênero se transformando rapidamente em *best sellers*. Sucessivas edições e milhões de exemplares chegaram e continuam chegando às mãos do público nesses 50 anos.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: fdandao@gmail.com.

Dois representantes dessa safra de *best sellers* norte-americanos são objeto de análise do professor Francisco Aquinei Timóteo Queirós, no livro *Rasgos Literários na Prosa Jornalística – O Novo Jornalismo em Radical Chique e em A Sangue Frio*, publicado em 2018, sob o selo da Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac).

*Radical Chique*, livro de autoria de Tom Wolfe, publicado em 1973, conta a história de uma festa promovida por representantes da elite branca norte-americana em homenagem a ativistas do Partido *Black Panther*, cujo objetivo era o de vigiar os lugares onde predominava a população negra, protegendo-a dos costumeiros atos violentos de uma polícia discriminadora e racista. A conjugação dessa vigilância com a repressão policial culminou com a eclosão de inúmeros e sangrentos conflitos entre os policiais e a comunidade negra, com várias prisões destes últimos. Wolfe se debruçou sobre o tema e produziu um relato vigoroso sobre esse período da vida norte-americana.

O livro *A Sangue Frio*, de Truman Capote, por sua vez, publicado em 1966, trata do massacre de uma família no estado norte-americano do Arkansas, perpetrado por dois assassinos. O autor do relato passou seis anos cercado-se de tudo o que pudesse ajudar na elucidação dos fatos, incluindo entrevistas com um dos assassinos enquanto este aguardava a execução da sua sentença no corredor da morte. O relato, que veio a público inicialmente na revista *The New Yorker*, passou a ser considerado uma espécie de marco na história do jornalismo e da literatura dos Estados Unidos, mudando conceitos e estabelecendo um modelo a ser seguido por vários jornalistas/escritores.

No livro *Rasgos Literários na Prosa Jornalística – O Novo Jornalismo em Radical Chique e em A Sangue Frio*, texto inicialmente produzido como dissertação de mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre (Ufac), o que Francisco Aquinei se propôs a fazer (e fez), fundamentalmente, foi uma análise sobre os aspectos formais de aproximação entre a narrativa jornalística e as práticas literárias presentes em romances realistas. Para isso, Aquinei tratou de percorrer um caminho intelectual de elucidação dos preceitos e procedimentos jornalísticos quanto à possibilidade de uma pluralidade de sentidos e a respectiva polifonia dos textos estudados.

Três capítulos, além das tradicionais “Introdução” e “Considerações Finais”, obrigatórias em se tratando de textos acadêmicos, foram desenvolvidos por Francisco Aquinei para dar conta das suas hipóteses: “Jornalismo e Literatura – Convergências”, onde ele disserta sobre a narrativa como mediação entre o homem e o tempo, bem como

sobre os precursores do Novo Jornalismo; “Novo Jornalismo – Fronteiras Imbricadas”, onde são tratados detalhes sobre a construção das cenas sobre as quais se debruçam Capote e Wolfe, além da apresentação polifônica dos diversos personagens; e “Sob o Signo do Real”, onde são esclarecidos aspectos relativos à literatura, ao jornalismo e ao romance enquanto reportagem jornalística.

Para levar a cabo as suas reflexões, Francisco Aquinei lançou mão de um arcabouço de teóricos com os quais estabeleceu um profícuo e instigante diálogo. Casos, entre outros, do filósofo russo Mikhail Bakhtin, do semiólogo francês Roland Barthes, do professor inglês Ian Watt e do historiador norte-americano Hayden White. Extraíndo preciosas lições de fragmentos de pensamento dos referidos autores, Aquinei conduziu a sua própria narrativa para provar, entre outros fatores, a partir dos livros analisados, a força da ficção literária em desvelar as atitudes reais das personagens e a veracidade dos fatos narrados. Força e veracidade essas que residem na possibilidade da leitura de questões em jogo numa temporalidade dada, a partir da urdidura de um enredo como categoria dialógico-polifônica.

Francisco Aquinei, cabe dizer à guisa de encerramento desta resenha, visivelmente apaixonado pelo seu objeto de análise, produziu uma obra de exaltação ao Novo Jornalismo. Mas não de exaltação gratuita, uma vez que os seus argumentos são todos apoiados numa lógica que praticamente não deixa espaço para contra-argumentos. Ele o faz a partir de provas sinalizadoras do papel do Novo Jornalismo como narrativa que ajuda a criar uma tensão entre as categorias que regem a realidade, sublimando-a pelo viés da linguagem, por meio da dimensão fictícia e pelo construto narrativo. O resultado dessa fusão de elementos, nas palavras de Aquinei, são caminhos que "garantem na tessitura da prosa discursiva a pluralidade de distintas visões de mundo, consciências e de vozes sociais".